

## “Fazer a social”: amizade, “tesão” e sociabilidade na comunidade *gay* do Recife

*Luís Felipe Rios*<sup>1</sup>

Universidade Federal de Pernambuco

**Resumo:** O texto apresenta resultados de pesquisa etnográfica realizada por meio de observações participantes e entrevistas, na comunidade *gay* da Região Metropolitana do Recife. Analisa os modos de sociabilidade a partir das categorias êmicas “fazer a social”, “pegação” e “suruba”. Na comunidade, amizade e “tesão” são emoções concorrentes à sociabilidade, e a conversação de palavras e de gestos são as suas maiores expressões. A condição para que a sociabilidade se estabeleça é a da quebra da busca pela conjugalidade, conteúdo da sociação como situada pela heteronorma.

**Palavras-chave:** sociabilidade; HSH; comunidade *gay*; emoções; homossexualidade masculina.

RIOS, Luís Felipe. “Fazer a social”: amizade, “tesão” e sociabilidade na comunidade *gay* do Recife. *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 11 (25): 235-252, janeiro a abril de 2024. ISSN: 2358-5587

<sup>1</sup> Professor Titular do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Programa de Pós-graduação em Psicologia Cognitiva. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Pesquisa apoiada pelo CNPq (409990/2022-1; 309265/2021-5).

## **“Doing the social”: friendship, “tesão” and sociability in Recife's gay community**

**Abstract:** The text presents result from ethnographic research conducted through participant observation and interviews in the gay community of the Metropolitan Region of Recife. It analyzes modes of sociability based on the emic categories of “fazer a social”/doing the social, “pegação”/flirting, and “suruba”/“group sex”. In the community, friendship and “tesão”/horniness are competing emotions for sociability, and conversation through words and gestures are their main expressions. The condition for sociability to be established is the breaking away from the pursuit of conjugal relationships, a content of sociation as situated by heteronormativity.

**Keywords:** sociability; MSM; gay community; emotions; male homosexuality.

## **“Hacer lo social”: amistad, “tesão” y sociabilidad en la comunidad gay de Recife**

**Resumen:** El artículo presenta los resultados de una investigación etnográfica, realizada mediante observación participante y entrevistas, en la comunidad gay de la Región Metropolitana de Recife. Analiza los modos de sociabilidad a partir de las categorías emic “fazer a social”/hacer lo social, “pegação”/coquetear y “suruba”/orgia. En la comunidad, la amistad y el “tesão” son emociones que coexisten con la sociabilidad, siendo la conversación verbal y gestual sus máximas expresiones. La condición para que se establezca la sociabilidad es que se rompa la búsqueda de la conyugalidad, contenido de la sociación heteronormativa.

**Palabras clave:** sociabilidad; HSH; comunidad gay; emociones; homosexualidad masculina.

**E**ste artigo discute as interações nas redes comunitárias de homens que fazem sexo com homens (HSH) da Região Metropolitana do Recife (RMR), por meio do conceito de sociabilidade como definido por Simmel (1983). Se, usualmente, para os/as/es estudiosos/as/es das/nas comunidades *gay* a reunião de pessoas LGBTQIAPN+ nas imediações de um “pedaço” (MAGNANI, 1992) da cidade configuraria sociabilidade (FACCHINI, FRANÇA e BRAZ, 2014), o aporte simmeliano exige maior precisão.

Simmel (1983: 183) definiu sociabilidade como momentos de interação social lúdica, em que as formas (sociações<sup>2</sup>) se autonomizam dos conteúdos<sup>3</sup>, produzindo “um sentimento de liberação e alívio” diante de “as tarefas e toda a seriedade da vida”. Ela é desprovida de propósitos objetivos e resultados exteriores: “nada além do sucesso do momento sociável e, quando muito, da lembrança dele” (SIMMEL, 1983: 170).

A sociabilidade tem como condição de emergência a horizontalidade<sup>4</sup> entre os participantes e, portanto, seria algo que “só pode se realizar no interior de um dado estrato social: sociabilidade entre membros de classes sociais muito diferentes é amiúde inconsistente e dolorosa” (SIMMEL, 1983: 172). Além disso, é imprescindível o “tato” dos participantes em agirem de maneira cortês, de modo a não sublinharem em excesso particularidades que relevem atributos que ponham fim à interação. De todo modo, é preciso lembrar que a sociabilidade se produz a partir de “um jogo de faz de conta de que são todos iguais e, ao mesmo tempo, se faz de conta que cada um é reverenciado em particular”; e “‘fazer de conta’ não é mentira mais do que o jogo ou a arte são mentiras devido ao seu desvio da realidade” (SIMMEL, 1983: 173).

Dois exemplos são eloquentes para este artigo: a conversação e o coquetismo. Na primeira modalidade, o assunto da conversa é o menos importante, tornando-se apenas o pretexto para manter uma interação desinteressada sobre ganhos que se possa vir a ter (instrução, orientação, aprendizado, influência) (SIMMEL, 1983). A segunda está localizada no campo da eroticidade e diz respeito aos flertes, sinalizações de desejo e consentimento, que não se concretizam na formação do casal (reprodutivo), constituindo uma espécie de jogo ou arte desinteressada (SIMMEL, 1993).

Trazendo as reflexões e conceitos simelianos para o campo dos estudos da sexualidade, sugiro que aquilo que Gagnon (2006) chamou de roteiros sexuais pode ser equiparado às formas de sociação. No contexto da comunidade *gay* do Rio de Janeiro, identifiquei quatro roteiros/sociações de práticas sexuais: “azaração”, “sarração”, “baco” e “relacionamento”. Utilizei as categorias êmicas cariocas para nomeá-los (RIOS, 2003, 2004), mas para o contexto do Recife, talvez as palavras “fudeção” e “conversa” façam mais sentido descritivo para os dois últimos (RIOS e ARAÚJO, no prelo). Ainda que possam se autonomizar, caracterizando

<sup>2</sup> “é a forma (...) pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem seus interesses. Esses interesses (...) formam a base das sociedades humanas” (SIMMEL, 1983: 166).

<sup>3</sup> “Tudo que está presente nos indivíduos (...) sob a forma de impulso, interesse, propósito, inclinação, estado psíquico (...) de maneira a engendrar (...) influências sobre outros” (SIMMEL, 1983: 166).

<sup>4</sup> Apagamento dos “atributos objetivos que os participantes de uma reunião possam ter” (...) “Riqueza, posição social, cultura, fama, méritos e capacidades excepcionais não podem representar qualquer papel na sociabilidade” (SIMMEL, 1983: 170).

as interações sexuais em alguns lugares, na maioria das vezes constituem partes de uma trama mais complexa de enredos sexuais pessoais ou coletivos.<sup>5</sup>

Também observei a importância do amor romântico na produção de parcerias sexuais, promovendo uma busca incessante pelo “príncipe encantado” (RIOS, 2003, 2004). O amor desempenha um papel central na reprodução social em sociedades em que o parentesco não determina a formação de casais, cabendo ao enamoramento a tarefa de criá-los (GIDDENS, 1992; ALBERONI, 1998). Componente das repronarrativas que sustentam a heteronormatividade (BERLANT, WARNER, 1998)<sup>6</sup>, o amor romântico também orienta o desejo dos HSHs de formar casais monogâmicos (RUBIN, 1975; 1998). Para que haja a reciprocidade, são produzidas diferenças e complementaridades (RUBIN, 1975), que são roteirizadas por alguns personagens:

Alinham-se aí roteiros que fazem interagir personagens como o *mais velho* e o *mais novo* (idade), o *ativo* e o *passivo* (prazer), o *bofe* e a *bicha* (gênero), *estabelecidos* e *outros* (status sócio-financeiro). Quando alinhavados pelo sentimento socioculturalmente constituído do amor romântico, que institui os primeiros em homens “salvadores” e os segundos em “mocinhos em perigo”, as assimetrias são reforçadas em acréscimos nos vetores orientam as desigualdades sociais. (RIOS, 2004: 275)

Não obstante, na *mais tenra* infância os homens gays e outros HSHs enfrentam os processos de estigmatização por gênero e por orientação sexual, percebendo que a atração sexual pelo mesmo sexo é incompatível com as reprodutividades e desencaixam das repronarrativas (RIOS, 2022). No entanto, isso não se desdobra na eliminação de seus sentimentos. Eles encontram sentidos para suas experiências em outro sistema de entendimento da vida sexual, o erótico (PARKER, 1991), concorrente aos que organizam as parcerias sexuais com base no sexo-gênero para fins reprodutivos (RUBIN, 1998).

Parker (1991) situa o sistema erótico por meio de três categorias êmicas: “sacanagem”, que articula “noções de agressão e hostilidade, brincadeira e diversão, excitação sexual e prática erótica num único complexo simbólico” (PARKER, 1991: 129), revelando o seu caráter transgressivo, onde o que excita desarruma as verdades da sexualidade (ciência e religião) e hierarquias de gênero, e encontra sua melhor expressão na noção de que “entre quatro paredes vale tudo”, a segunda categoria.

No erótico, a ênfase recai nos corpos e prazeres, subvertendo as regras dos outros sistemas, na realização das excitações e dos desejos. O que se expressa na categoria “tesão”. Como a pulsão freudiana, ele não tem objetivos e objetos pré-definidos, não é capaz de marcar identidades sexuais (tão pouco as respeita) e não necessariamente encontra realização no intercuro sexual e no orgasmo. Em muitas situações, o próprio “falar de sexo” e as “preliminares” são o alimento desse “fogo”, que para muitos de meus interlocutores é “insaciável” e nunca tem fim (PARKER, 1991).

<sup>5</sup> A “azaração”, com foco no olhar, se autonomizaria no espaço das ruas, configurando, no caso dos homens gays, “paqueras” muito discretas; a “sarração” envolve o friccionar dos corpos, em geral vestidos, como acontece em alguns bailes *gay* de carnaval. “Relacionamento”/“conversa” remete a emergência de trocas verbais como condição para interações de maior proximidade corporal, como ocorre em boates. O “baco”/“fudeção” se refere a penetrações e são percebidas como o “verdadeiro sexo” - os roteiros anteriores são “apenas preliminares” ou “brincadeiras” (RIOS, 2003, 2004).

<sup>6</sup> Baseando-se no caráter produtivo dos dispositivos de poder foucaulteanos, Berlant e Warner (1998: 548) apontam como a heteronormatividade se utiliza de narrativas que tomam o casal reprodutivo como célula da vida social (repronarrativas) para constituir e positivar as sexualidades (práticas e categorias identitárias) reprodutivas (reprodutividades). Eles definem heteronormatividade como “institutions, structures of understanding, and practical orientations that make heterosexuality seem not only coherent (...) but also privileged. (...) It consists less of norms that could be summarized as a body of doctrine than of a sense of rightness produced in contradictory manifestations - often unconscious, immanent to practice or to institutions”. Em outro trabalho, aprofundo o lugar das narrativas na produção de subjetividades e nas pedagogias sexuais (RIOS, 2024).

Utilizo o conceito e definição de sociabilidade simmeliana e os roteiros/sociações sexuais identificados em outras pesquisas como tipos ideais (WEBER, 1997), para, por meio deles, tensionar os fenômenos da dinâmica comunitária em estudo, com ênfase nas formas de socição sexual e da amizade. Organizei o texto em quatro partes. Na primeira, apresento o percurso da pesquisa. Na sequência, descrevo o principal ‘pedaço’ *gay* da RMR e formas de socição. Em seguida, exploro as dimensões mais orgiástica da sociabilidade. Finalmente, retomo as categorias amizade e “tesão” arrematando a discussão sobre sociabilidade.

## Sobre a pesquisa

Os dados aqui discutidos são oriundos de várias ondas de coleta, como mostra o quadro 1. Este artigo foca nos relatos obtidos por meio de entrevistas realizadas entre 2019-2021, e observações feitas em 2022 e 2023. As entrevistas foram realizadas por estudantes de graduação de Psicologia e Ciências Sociais, de diversas inserções de sexo-gênero, bolsistas de Iniciação Científica (BIC).<sup>7</sup> Me utilizo, neste texto, de minhas próprias observações, ainda que tenhamos um conjunto maior delas produzidas por BICs. Realizei uma análise hermenêutica para elaborar uma ‘descrição densa’, tendo como bases o *corpus* de entrevistas e as experiências de campo (GEERTZ, 1976; RIOS, ADRIÃO, 2022). As várias fases da pesquisa foram aprovadas pelo Comitê de Ética da UFPE. Utilizo nomes fictícios para os interlocutores e para um dos estabelecimentos observados, garantindo o anonimato.

**Quadro 1** – Fases da coleta de dados. Elaborado pelo autor.

Fase	Período	Atividade
1	2013 – 2016	Observação participante em lugares de homosociabilidade da RMR
2	2015	Entrevista com enfoque biográfico com 25 HSHs
3	2016 – 2017	Inquérito comportamental com 380 HSHs
4	2016 – 2017	Entrevista temática com 20 HSHs participantes do inquérito
5	2019 – 2022	Observação participante em lugares de homosociabilidade da RMR
6	2019 – 2021	Entrevista com enfoque biográfico com 37 HSHs
7	2022 - 2024 (em andamento)	Observação participante em lugares de homosociabilidade da RMR
8	2022 - 2024 (em andamento)	Entrevista temática com 25 informantes-chaves (pessoas que atuam na comunidade gay)
9	2022 - 2024 (em andamento)	Entrevista com enfoque biográfico com 40 jovens HSHs

O período da pesquisa analisado incluiu a fase mais crítica da epidemia de Covid-19 e o processo de reabertura. Embora o objetivo principal da pesquisa seja

<sup>7</sup> Agradeço imensamente à Profa. Karla Galvão Adrião, que coordena comigo a pesquisa, e aos/as/es estudantes que participaram da coleta de dados, realizando as entrevistas utilizadas neste texto, meus coautores/as em outros trabalhos: José Ítalo Francolino, Matheus Coelho, Ingrid de Melo Silva, Mateus Souza Araujo, Carlota Parra, Jonas Tomaz da Silva, Rogério Cavalcante Costa, Larissa Barbagelata Cabral. Também agradeço aos programas de BIC da Facepe e CNPq/UFPE que possibilitaram a vinculação deles/as/ies à pesquisa.

entender as práticas soroadaptativas para o HIV e SarsCov-2, este texto abordará questões relacionadas à saúde apenas quando contribuírem para uma melhor compreensão dos modos de socialização e sociabilidade. Certamente, o drama do enfrentamento ao Sars-Cov-2 concorreu para a produção do objeto deste texto<sup>8</sup>.

No período mais crítico da pandemia, a categoria em discussão coletiva foi a ideia de que o ser humano é intrinsecamente gregário, que se instaurou como elemento de reflexão porque o “isolamento” foi o principal dispositivos de segurança para o enfrentamento da COVID 19 (RIOS et al, 2022). Para os que puderam cumprir o “isolamento”, a unidade era a residência, que, no mais das vezes, envolvia um conjunto de pessoas em constante convívio. Para muitos HSHs isso causava um enorme desconforto, porque sofriam os efeitos da homofobia de forma redobrada. Nem as interações em família, nem as que ocorriam na dimensão *online* da existência pareciam suficientes e, talvez por isso, “fazer a social” tenha sido objeto de tanta conversa. Talvez a minha própria experiência de “isolamento social” tenha despertado o interesse de melhor compreender tal noção.

## Pedaço gay do Recife

O Clube Metrópole, boate mais longeva da cidade, está bem no epicentro do “Vale das Ninfas”<sup>9</sup>. “Vale” é o modo como meus interlocutores denominam o perímetro que envolve os estabelecimentos LGBTQPIAN+ nas proximidades da esquina entre a Av. Manoel Borba e a Rua das Ninfas, Bairro da Boa Vista. Além dos estabelecimentos formais, como bares, boates e saunas, incluem-se no pedaço *gay* as próprias ruas e o comércio ambulante nas imediações dos formais.<sup>10</sup>

Passado o momento mais crítico da pandemia de Covid-19, já em 2023, posso dizer que, olhando de longe, no burburinho que se forma na rua e no interior da boate e bares da região, tem-se a impressão de uma massa de pessoas igualadas pela orientação sexual, expressas em jeitos de ser e modos de vestir muito parecidos, se sobressaindo “pintas”<sup>11</sup> e “fechações”<sup>12</sup>.

No entanto, diminuindo o ângulo da observação, as diferenças vão se estabelecendo e são capazes de diferenciação, em uma série de estilizações corporais, que dão sentido (significado, valor e direção), inclusive, aos desejos sexuais na organização de parcerias sexuais fixas e casuais (RIOS, 2020; 2024). Se a igualdade é condição para a sociabilidade, o apagamento dos marcadores sociais de diferença é uma empresa impossível no contexto estudado. Ainda que consideremos HSHs como o 'estrato social' que iguala os participantes dos encontros no pedaço gay da cidade, ainda assim as estilizações de gênero (“boy”/masculino e “pintosa”/feminino), de posição sexual (“ativo”/insertivo no sexo, “passivo”/receptivo no sexo, “versátil”/ambos), de raça (“cafuçu”, “boy padrão”), de idade (“novinho”, “ninfeta”, “tia velha”) e de classe (“bicha pão com ovo”, “POC”, “cote”), se incumbiriam de restituir as diferenças<sup>13</sup>.

<sup>8</sup> O drama narra a tentativa de restituir a ordem social, na ausência de eficácia dos dispositivos rituais mais usuais para a resolução de conflitos e problemas. Na sequência dos atos, as categorias sociais, objeto da ação coletiva, vão se explicitando, favorecendo a etnografia (TURNER, 2008).

<sup>9</sup> O termo vem tanto da rua onde está a boate Clube Metrópole, como da frequência juvenil, com forte presença de homens femininos, muitas vezes chamados de “ninfetas” (RIOS et al, 2022).

<sup>10</sup> É importante dizer que o “Vale” não se restringe ao seu coração. Do centro do Recife, ele vai se ampliando, incluindo estabelecimentos comerciais héteros, shoppings, praças, *points* da praia etc. (RIOS, VIEIRA, 2023; RIOS, 2023; RIOS, ARAÚJO, no prelo).

<sup>11</sup> Gestos femininos não intencionais.

<sup>12</sup> Uma sensibilidade “bicha” que contagia as pessoas em ambientes de interação *gay*, expressa por exacerbação intencional de gestuais interpretados como femininos (SONTAG, 1964; RIOS, 2024).

<sup>13</sup> Sobre as estilizações de raça e classe, conferir Rios e Vieira (2023).

## Rolês

Perguntado sobre o ingresso na comunidade gay, Rogério (29 anos, “pintosa”, branco, solteiro, graduado) responde: “*O primeiro lugar que eu fui foi a boate metrôpole (risos).*” No entanto, quando o tempo é o presente, ele referencia outros locais e explica: “*Metrôpole não faz mais parte (...) era para o eu adolescente. Hoje em dia eu sou outro, (...) tenho outras visões, outras perspectivas, e não combina muito o espaço.*”

Há uma diversidade de espaços *gays* ou *gay-friendly*, especialmente bares e *pubs*, que atendem a um mercado segmentado por gostos, relacionados aos marcadores de idade-geração e classe/renda. Miguel (27 anos, “boy”, solteiro, graduado) sublinha as determinações financeiras nos “rolês” pela cidade:

*A (Rua) Mamede é role de burguesinho, né, gata? (Risos) Não rola de tá lá sempre, (...) (N)uma ocasião especial. Tipo, eu fiz aniversário (...), aí eu e meus amigos fomos pra lá, tá ligado? Eu e mais dois, que a gente sempre anda assim, em trio.*

A mudança de espaços privilegiados para diversão, atribuída ao galgar das idades, conforme mencionado por Rogério, e aos recursos disponíveis para diversão, mencionado por Miguel, também está relacionado ao interesse sexual. Na escolha do bar, os rapazes buscam por aqueles em que os frequentadores atenderiam às estilizações que lhes interessam.

*a maioria desses lugares que eu frequentava (Metrôpole e Bar do Céu) são frequentadas por crianças, que são aquelas pessoas de 18 anos, que se descobriram agora. (...) a chance de você tentar conversar com alguém, ou até mesmo paquerar alguém são pequenas. John (23 anos, “pintosa”, pardo, solteiro, graduado)*

Para os interlocutores, encontrar parceiros afetivo-sexuais é o principal motivo da saída para a balada, ainda que subsumido na ideia de procurar a diversão das “festas”. Felipe (21 anos, “pintosa”, preto, solteiro, ensino médio completo) é explícito em dizer que, quando solteiro, “*vai a mais lugares, porque a gente vai mesmo pra ficar com pessoas, conhecer novas pessoas. Mas quando a gente acaba namorando, tem alguém, a gente não tem muito interesse de tá em outros lugares.*”

E para conhecer e ficar com pessoas novas e, quem sabe, namorar, não basta ir aos locais, é preciso exercitar as artes da “pegação”. Como sublinha Gaspar Neto (2011: 148), “é-lhe atribuída, na maioria das vezes, uma conotação pejorativa, sendo caracterizada como algo relacionado à promiscuidade”, relacionada às “interações eróticas rápidas e anônimas entre homens, tais como voyeurismo, exibicionismo, masturbação mútua ou não, felação e penetração anal.” Mas, também designa “uma simples paquera, manifestada, por exemplo, em um bar, em uma boate ou mesmo na fila de um banco”.

Vale sublinhar que a “pegação” não se restringe aos espaços do “Vale”, atualizando-se sempre que um HSH reconhece outro como “alguém que faz” (sexo com homens). Ao longo da vida eles se tornam “entendidos” nos “discretos” códigos da comunidade, utilizados quando é necessário atuar fora do “Vale” (RIOS, 2004, 2008; RIOS e ARAÚJO, no prelo). Cada lugar da cidade exige performances de “pegação” diferenciadas, como relata Johnny (22 anos, “boy”, pardo, solteiro, ensino médio):

*(a paquera) acontece nos bares comuns, normais, de surgir alguém também e tal, alguém interessante. Só que geralmente nesses rolês não tem o afterzinho, tá ligado? É depois depois, você pega o WhatsApp da pessoa e vai conversando e tal. É mais difícil eu fazer algo depois daquele lugar.*

Duas questões se colocam para alguém que quer compreender a sociabilidade no “Vale”: 1) Se esta tem como condição de produção a igualdade entre participantes, como poderia emergir em espaços de diversão onde transitam pessoas tão diversas? 2) Como pode se constituir, se o interesse primordial ao percorrer o pedaço gay da cidade é encontrar parceiros, ainda que para um arremedo passageiro da desejada conjugalidade?

## Sociações

Identifiquei três cenas de sociação que se interpenetram na formação de enredos afetivos (amizade) e sexuais (“pegação”). São elas a “festa”, o “after” e o “fazer a social”. “Festa” não está relacionada apenas a sociações com fins de comemorar as datas que marcam eventos importantes dos calendários pessoais (como aniversários, casamentos, formaturas, por exemplo) ou coletivos (como o carnaval e outras datas religiosas). Relacionada ou não ao calendário comemorativo da cidade, “festa” diz respeito a contextos de interações que acontecem em bares, boates, casas de *show*, saunas, entre outros, que se configuram explicitamente como o principal evento no circuito de lazer percorrido pelos HSHs em busca da diversão num episódio - ainda que a intenção de ficar com alguém no final da noite permanecesse, como já mostrei.

A partir de um outro ponto de vista, o do mercado, as “festas” também são estratégias utilizadas pelos empresários para vender seus produtos: eventos voltados para alguns dos públicos que formam os muitos segmentos LGBTQIAPN+. Os lugares realizam uma plêiade de eventos temáticos, destacando que várias “festas” podem ocorrer ao mesmo tempo a cada final de semana.

Marlon (38 anos, branco, “boy”, casado, graduado) conta como duas modalidades de calendários (os pessoais e os organizados pelo promotores de festa) se coadunam para mobilizar encontros entre amigos:

*A gente vai numa todo ano comemorar geralmente o aniversário de alguém. É uma festa que acontece aqui, (...) o último tema foi “uma vez piranha, piranha pra sempre”, mas acontece numa boate móvel. (...) fazem de três em três meses e tal. (...)*  
(Marlon)

O “after” tem o sentido de continuação da diversão após a “festa” (principal). Há bares especializados em “afters”, que ficam abertos por mais tempo. O “after” pode acontecer na rua e comércio ambulante próximo aos estabelecimentos formais, mas pode se deslocar para um lugar mais distante. Muitas vezes é o lugar de espera para o retorno do transporte público, interrompido na madrugada.

Vale explorar mais um pouco a narrativa de Johnny, trazida na seção anterior, sobre a impossibilidade de um “afterzinho” quando conhece alguém em um “bar hétero”. No caso do emprego realizado por Johnny, ele estava se referindo às “sarrações”, que no “Vale” podiam acontecer dentro da própria “festa” ou nos arredores dos estabelecimentos. No “bar hétero”, os contatos de maior proximidade corporal só aconteciam, como disse ele, “*depois depois*”, se o interesse levasse à troca de contatos e se este permanecesse.

Se o “after” marca as interações pós-“festa”, o “fazer a social”, numa primeira acepção do termo, seria o evento que dá início à jornada, quando as pessoas combinam um bar, ou um local na rua, ou na casa de alguém, para beber e já “ficar no brilho”, o que também chamam de “esquentar”.

*Tenho indo pra uma social com poucas pessoas na casa de algum amigo em Boa Viagem. [Uma social é uma festa mais privada?] É uma festa mais privada, com poucas pessoas, até 10 pessoas no máximo. Então, a gente bebe e depois cada um vai para sua casa, de máscara e tal, eu tenho evitado aglomerações. (Thiago, 22 anos, pinto, branco, solteiro, superior em curso).*

A narrativa de Thiago, obtida após o período mais crítico da pandemia de Covid-19, ainda em 2020, revela a importância dos encontros entre amigos na dinâmica comunitária de HSHs *gay*-identificados, primeira forma de interação *off-line* a voltar após o *lockdown* (RIOS *et al.*, 2022).

Para Luís (20 anos, “*boy*”, preto, em união estável, ensino médio completo) “*a social*” também é sinônimo de reunir os amigos. No entanto, ela pode se autonomizar de outros trajetos de diversão, sendo o principal evento de um episódio, com a conotação, como alude Thiago, de “*festa privada*”, geralmente na casa de algum amigo, ou amigo do amigo. Marlon também menciona momentos semelhantes:

*tem um pessoal mesmo que se reúne. Um monte de nerd, tudo viado, pra ir jogar coisas idiotas como, sei lá, esses jogos de tabuleiro (...) Pronto, eram casas de alguém. Geralmente, pronto João (amigo) tem uma mesa muito grande, aí juntava eu e meu ex-marido, mais dois ou três casais e ia todo mundo pra casa. Um levava isso, outro levava aquilo. (Marlon)*

Os amigos que se reúnem com Marlon, além de serem afins na orientação sexual (“*tudo viado*”), compartilham alguns gostos que os igualariam ainda mais (“*um monte de nerd*”). Esses encontros também podem acontecer numa bar. No entanto, diferentemente de Luís e Thiago, Marlon não concebe o que realiza com os amigos como “*fazer a social*”, que estaria intrinsecamente relacionada às vivências orgiásticas da sexualidade: “*Dentro de um panorama gay, eu imagino que deva ser alguma festa que rola putaria. (...) aquela coisa de clubinho fechado, grupinho fechado, né? E que você não vai pra dançar, não.*” A sua compreensão de “*social*” o leva a ser bastante temeroso com um convite vindo de alunos, para a participação de um evento:

*Eu sei que esse final de ano eu vi muito esse termo nessa escola nova que eu to dando aula. [Hum.] Os meninos do terceiro ano (...) me convidaram. (...) Eu fiquei (gesto de reprovação). As meninas tudo me convidando e eu (gesto de reprovação). Sou casado, né? Vamo por aqui, vamo nessa desculpa que funciona.*

Assim como Marlon, Wellington (21 anos, preto, “*pinto*”, solteiro, ensino técnico) e Felipe também atribuem conotações mais orgásticas às “*sociais*”. Para Wellington, é “*uma festa que vai rolar de tudo*”, enquanto para Felipe, as pessoas “*chamam de social*”, mas é um “*suruba*”.

*A gente pega uns amigos mais próximos, aqueles que realmente são do rolê... Leva umas bebidinhas, leva umas coisinhas, umas comidinhas, uma maconha e pronto, a gente fica lá. (...) As que eu vou rolar de tudo. [Rolar de tudo, inclusive ficar entre si? Como é?] Com meus amigos, sim. Eu beijo minhas amigas, elas me beijam. Eu beijo meus amigos héteros, eles me beijam. Eu beijo as namoradas deles, elas me beijam também. A gente se toca muito. Alguns amigos que eu tenho pra isso, entendeu? [Hum. Fica só no beijo?] Alguns. (Risos) (Wellington)*

*Nunca fui pra sauna, nunca fiz banheirão, só fui pra esse cinema que eu te falei e já fui pra sociais. A galera chama de social, mas que era suruba, assim, é, na casa de um amigo; que não era meu amigo, mas era amigo de outro amigo. Que fez: “Amigo, tô indo tal dia pra uma social, tu quer conhecer?” Eu disse: “Como é a social?” “É tipo, várias pessoas e todo mundo se pega na casa de fulano, fulano abre as portas”. A gente paga R\$10,00 e cada um leva sua bebida, seu petisco, seu refrigerante, sua água, o que você quiser e o pessoal fica lá a noite toda. Ele cede o espaço”. Tá, fui uma vez pra conhecer. (Felipe)*

Os relatos sugerem que o caráter igualitário dos que participam da socição (amigos afins em determinados gostos) tonaria o “fazer a social” uma lugar propício para sociabilidade, e sua maior expressão seria a conversação. Não obstante, a sua conotação orgiástica traz a dúvida se o conteúdo da socição (formação de casal) seria capaz de ser apagado ou atenuado, condição no quadro simelliano para a sociabilidade acontecer. Para avançar na compreensão, no próximo tópico descrevo cenas de um local onde corriqueiramente “surubas” acontecem, e nas quais pessoas nomeadas também como “amigas” participam: uma “sauna *gay*”.

## Fazendo a social

A *Thermas*<sup>14</sup>, onde se situaram as cenas que passarei a narrar, funciona todos os dias da semana, das 14h às 22h. É uma “sauna de boy”, ou seja, há muitos rapazes oferecendo serviços sexuais<sup>15</sup>. Durante as observações havia uma mistura de raças, com maior prevalência de negros, e também uma mistura de classes<sup>16</sup>. Havia presença de pessoas de todas as idades, mas diferentemente de outros espaços LGBTQIAPN+ do centro da cidade, este era caracterizado pela forte presença de pessoas idosas. Ainda que as “pintas” e “fechações” se sobressaíssem nas interações, havia um número equivalente de “*boys*” e “pintosas”.

### *A Thermas*

Na época das observações, no fundo do estabelecimento existiam dois pequenos quartos adaptados para abrigar uma sauna seca e outra à vapor, além de um corredor onde estavam seis chuveirões. A sauna à vapor (30m<sup>2</sup>) é maior que a sauna seca (15m<sup>2</sup>)<sup>17</sup>. A primeira era formada por quatro cômodos: uma saleta (15 m<sup>2</sup>) com um pequeno recuo com um chuveirão; no fundo, uma passagem dava acesso a um corredor que levava a uma outra saleta (10m<sup>2</sup>). A primeira saleta possuía um banco de cimento revestido de cerâmica, onde cabiam três pessoas sentadas; era iluminada por uma fraca luz vermelha, dificultando perceber os detalhes das pessoas. Na segunda sala, a escuridão era quase total, um breu, como Benítez (2007) qualificou essa modalidade de luminosidade na descrição de um *darkroom* em uma boate carioca.

Saindo das salas de sauna, ou se entrava no maior dos ambientes, ligeiramente à direita, ou se seguia em frente e subia, por uma escada, para o primeiro andar. Ali estavam algumas cabines (gratuitas) e suítes (pagas) para sexo mais privativo (dual ou em grupo), um *darkroom*, além de outro acesso para o andar de baixo. O *darkroom* possuía dois ambientes, formando a letra L invertida, com cerca de 30m<sup>2</sup>. No início da tarde ele não era tão escuro como as saletas da sauna à vapor. Uma janela, coberta por um plástico preto, permitia a passagem de luminosidade. Ao cair da tarde, a penumbra e o breu começavam a se estabelecer. No entanto, a primeira parte da sala ainda recebia alguma luminosidade do corredor que lhe dava acesso. No *darkroom*, havia uma espécie de cama/tablado, do lado esquerdo; o quatinho que se formava no final, à direita, era mais escuro,

<sup>14</sup> Uso *Thermas*, nome fictício, para nomear o estabelecimento e sauna para a sala onde a quentura e vapores acontecem.  
<sup>15</sup> Não tratarei das interações que envolvem os clientes e “*boys* de programa”, mas vale dizer que a maior parte deles eram pretos e pardos e todos másculos.  
<sup>16</sup> Inferida pelas estilizações corporais (modelação dos corpos, trajes utilizados na chegada ao espaço, cortes de cabelo, adornos corporais, perfumes etc.), e também pelas profissões que escutei serem referidas durante momentos de conversação.  
<sup>17</sup> Não me deterei em um descrição pormenorizada da sauna seca porque nunca consegui permanecer muito tempo nela.

nele estava posicionado um pufe circular, de cerca de um metro e meio de diâmetro.

Saindo dos espaços onde as “fudeções” aconteciam, e descendo pela segunda escadaria, damos de frente a uma das entradas de um amplo salão onde aconteciam *shows*. Na parte da frente, próxima à porta de entrada, havia um pequeno pátio que abrigava quatro mesas com cadeiras, próximas à parede. Nesse espaço, havia acesso por meio de um balcão para um bar, onde se comprava bebidas e comidas, e um entrada dava na saleta, onde se encontravam os guichês para pagamento dos serviços e liberação da saída, e para recebimento das chaves dos armários, toalhas e chinelos, na entrada.

### ***Amigos de sauna***

Acompanhado do meu marido, Marcelo, iniciei as observações em março de 2022 e, em poucos meses, alguns *habitués* (pessoas que, como nós, estavam sempre na *Thermas*) já nos cumprimentavam com beijinhos, de quem nos tornamos “amigos de sauna”. Participávamos de conversas, geralmente em grupo de seis ou sete pessoas. Os temas eram os mais variados e iam se alternando: viagens, séries de TV, experiências sexuais... Os participantes das interações iam mudando ao longo da conversa. Uns saíam, para se envolver em alguma “brincadeira sexual” ou “fudeção”, ir ao banheiro ou comprar uma bebida, enquanto outros chegavam.

No início, pensava que aquelas pessoas, ali reunidas, possuíam vínculos anteriores à *Thermas*, como os que observei nas ruas, bares e boates do “Vale”. Esse era o caso de alguns; a grande maioria dos que estabeleciam conversação no pátio tinham constituído a vinculação de amizade ali mesmo, como eu e meu marido fizemos.

O que poderia ou não resultar em levar aquela amizade para fora da sauna. Marcelo se surpreendia com o fato de muitos dos *habitués* não nos cumprimentassem em outros espaços, dentro e fora do “Vale”, quando nos encontrávamos. Eu explicava que isso fazia parte de um código de ética implícito, porque muitos dos homens não queriam ser reconhecidos como frequentadores de sauna, ou mesmo como HSH (havia homens na conjugalidade heterossexual), e fazia parte do 'tato' não interagir com frequentadores de sauna em outros espaços.

### ***Conversação***

Regada a muita cerveja, as conversas aconteciam num lugar estratégico, de frente para o portão de entrada da *Thermas*, e, a cada nova pessoa que chegava, os olhares e comentários se voltavam pra ela. O falatório ganhava corpo, inclusive apresentando as modalidades de interações sexuais já vividas com os ingressantes, *habitués*; ou do que se desejaria realizar com alguém desconhecido. Iam sendo reveladas as preferências sexuais, tanto de quem chegava como de quem falava.

Mas nem todo *habitué* era considerado “amigo (de sauna)”; para a isso, a pessoa precisava, além de frequentar, se dar ao desfrute das conversas e assumir uma postura cortês - o 'tato' do qual fala Simmel (1983). Ou seja, ainda que se estivesse em busca de realização de “sarrações” e “fudeções”, era preciso se deixar capturar pelo prazer da conversação, e ser muito polido nos comentários sobre determinados assuntos.

Uma das vezes em que vi o grupo de conversação se desagregar momentaneamente foi quando um dos “boys de programa” (vinte e poucos anos, masculino,

preto) contou sobre uma cena vivida com um de seus ex-clientes, Amâncio (vinte e poucos anos, efeminado, branco), também presente na conversação. Conforme o relato, Amâncio havia se descontrolado a chorar no meio da “fudeção”. Essa descrição atualizava tanto possibilidades de racismo, traumas infantis ou loucura, reendereçando os presentes para diferenças “inconsistentes e dolorosas” às quais alude Simmel (1983: 172).

O 'tato', entretanto, não significava a ausência de “tiração de onda” ou uso de expressões que, em outros contextos, poderiam ser mal-recebidas (chamar alguém de “bicha”, “rapariga”, “puta”, “passiva”), mas que ali configuravam humor, o principal mantenedor das conversações.

“Amigos de sauna” também interagiam sexualmente. Muitas vezes, as conversas se desdobravam em revelarem com que amigo já haviam “ficado”, no escuro dos ambientes. Muitos homens diziam que a preferência eram os novatos, “*não gostavam de figurinhas repetidas*”, mas, na falta deles, “*o amigo servia*”. Amâncio mencionou que tinha um amigo que já sabia quando ele não estava “*se dando bem*”. Diferente de outras pessoas, ele gosta de “*gozar*”/ter orgasmo no início da tarde, para aproveitar o restante da jornada com mais “*tranquilidade*”. O amigo, quando o via “*no desespero*”, sentava-se no banco da sauna à vapor, abria a toalha e se dispunha a receber sua boca, numa atitude blaser: “*Vai, chupa!*” Chupando e se masturbando, Amâncio “gozava” e, depois de uma cerveja, estava de volta à “pegação”.

De modo um tanto informal, eu era informado dos gostos eróticos dos amigos e dos habitués. Nas saunas e no *darkroom*, tinha a chance de observar se os gostos propalados nas conversações se realizavam enquanto tal. Isso era mais fácil de ver no primeiro cômodo da sauna à vapor e na parte mais clara do *darkroom*.

## Suruba

Nem todos os frequentadores da sauna se envolvem em “surubas”. Para o contexto de sexo em casal ou trisal, que geralmente ocorrem nas cabines e suítes, além dos códigos interacionais que passarei descrever, há uma variedade de formas de “pegação” para se chegar na “sarração” ou “fudeção”, as quais usualmente passam primeiro pela “azaração” e pela “conversa”.

A descrição de Benítez (2007), sobre a linguagem gestual no *darkroom* da boate do Rio de Janeiro, cabe perfeitamente para espaços mais orgiásticos da *Thermas* recifense, na penumbra ou no breu. Os que preferiam iniciar as interações como “ativos”, ficavam mais encostados nas paredes, se masturbando ou acariciando o “pau”/pênis, sob a toalha ou sem ela. Os “passivos” tendiam a circular pelos espaços mais centrais, tateando a região genital dos que estavam encostados. Se achassem interessante, paravam, checavam se o parceiro também havia se interessado, se aproximavam. A masturbação passava a ser realizada pelo que se aproximou e muitas vezes dava passagem ao “boquete”/felação; uma sequência possível era o “passivo” se localizar de costas, na frente do “ativo”, pedindo corporalmente para ser “fodido”/penetração anal.

Estou simplificando, e o trabalho supracitado de Benítez (2007), e o meu próprio (RIOS, 2004), apresentam uma série de códigos gestuais e suas nuances, articuladas em cenas e enredos sexuais variados. A cena acima descrita, sublinho, é mais comum no início da tarde. A hora passava, gente a circular. As toalhas nos ombros ou na nuca. O puff, a cama, o banco... Os corpos... Os gestos de “picas”/pênis e mãos e línguas e “cus”/ânus que penetravam corpos... Gemidos...

Sussurros... Os “passivos” tateavam os “pau” e, com seus “cus”, rapidamente “comiam”/recebiam as “rolas”/pênis dos “ativos”; que retribuindo os “macetavam”/penetravam com força, mas tentando manter o controle de não gozar. Eram muitos “cus” e muitas “rolas” que cada um podia experimentar num episódio na *Thermas*.

O adiamento do gozo parecia importante regra implícita, para “ativos” e “passivos”. Em alguns momentos as intensidades das “fudeções” eram moduladas: parava-se de “macetar” ou de ser “comido”/receber o pênis de alguém no ânus; dava-se uma volta pelo cômodo ou pelo estabelecimento; ficava-se apenas observando; mudava-se de parceiro; iniciava-se as interações de conquista com uma outra pessoa.

As interações tendiam à consensualidade, e nem toda abordagem resultava em “sarração” ou “fudeção”<sup>18</sup>. Embora houvesse uma tendência a uma realização dos gostos sobre estilização dos parceiros e sobre posições sexuais, propalados nas conversações do pátio, nem sempre isso acontecia. Alguns fatores que interferiam na flexibilização das escolhas: a diminuição dos participantes, em especial nos finais de mês; a diminuição da luminosidade, especialmente no *darkroom*, que no início da tarde permitia o discernimento total dos corpos; o aumento de gente em um cômodo, que parecia ser o principal indicador para flexibilização, porque, quando o estabelecimento lotava, ainda no início da tarde, as interações rapidamente se encaminhavam para tal.

Alguns acontecimentos, entretanto, punham fim ou dificultavam a sociabilidade, como se retirasse a pessoa da fantasia, trazendo-a de volta para a realidade, como as verbalizações não sexuais em voz alta (amigos conversando sobre outros assuntos), pessoas que não respeitavam as negativas de modo muito insistente, e interações sexuais que resultavam no “cheque”/fezes, e impregnavam o ambiente com mau odor.

## Amizade, Tesão e Sociabilidade

Conforme Claudia Rezende (2002: 69), na literatura das ciências sociais “a amizade é vista em geral como uma relação afetiva e voluntária, que envolve práticas de sociabilidade, trocas íntimas e ajuda mútua, e necessita de algum grau de equivalência ou igualdade entre amigos.”

No espaços do “Vale”, incluindo a sauna, os amigos oferecem proteção e referência para a pessoa, servindo de ponto de apoio da “pegação” e do lazer. No primeiro aspecto, o grupo intimida bandidos, ajudando na prevenção da violência urbana e homofóbica; os amigos cuidam um dos outros, regulando a ingestão de bebida e outras droga, e levando alguém para casa quando bebe de mais. No segundo aspecto, em grupo é mais fácil mostrar para os estranhos quais são as marcas constitutivas das pessoas (estilizações) e dos coletivos (afinidades).<sup>19</sup> Nos grupos, os homens *gays* reforçam seus vínculos afetivos por meio das trocas íntimas e ajuda mútua, seja no ambiente festivo, com a mencionada proteção e referência, ou no cotidiano, no suporte intersubjetivo que contribui no enfrentamento da estigmatização (RIOS, 2004, 2008, 2023; SOLIVA, 2019; BRAZ, 2015; RIOS *et al.*, 2022).

<sup>18</sup> Isso era expresso com a retirada do “pau” da mão ou a mão do “pau”, passar de lado por alguém, ou empurrando alguém que insistisse em se aproximar, não respeitando a negativa.

<sup>19</sup> A conversa permite perceber os gostos, e, também, pelo sotaque das pessoas, a classe social, escolaridade e gênero. O último usado para inferir posição sexual.

No atual contexto de segmentação do mercado LGBTQIAPN+, a interação social em grupos de amigos HSHs seria, no aspecto de “fazer a social”, uma unidade ideal para a sociabilidade *gay* acontecer. O grupo de amigos oferece a ambiência necessária para o “faz de conta” de igualdade: um tipo de afeto que produz a uniformização dos participantes, por mais diversos que sejam; e a sensação de viver interações desinteressadas, por mais que os homens se protejam e se cuidem; uma sociação em que as trocas valem porque simplesmente é gostoso estar em interação.

Pode parecer estranha a categoria nativa “amigos de sauna”, mas, lembremos, “amigos de...” é uma expressão recorrente para nomear a origem de uma amizade: infância, escola, academia...

A amizade, como outras vinculações e emoções humanas, é sujeita à história e à cultura (REZENDE, 2002) e suas significações são marcadas pelas experiências intersubjetivas. No estudo de Miranda (2018), com mulheres jovens de classe popular, cada amizade relatada colocava em relevo aspectos muito específicos da caracterização acima apresentada por Rezende (2002), muitas vezes produzindo sentidos híbridos com os atribuídos a sentimentos oriundos de outros sistemas de vinculação, como o familiar e o amoroso. Por isso, Miranda (2018) propôs a amizade como “uma noção em movimento”.

Em movimento, a amizade é capaz de se atualizar para qualificar a vinculação dos participantes das redes de seguidores nas plataformas de *internet*, os “amigos virtuais” do *Facebook*, que, assim como os “amigos da sauna”, quando se encontram fora daquele contexto primário de interação, fingem não se conhecer. Como mostrou Queiroz (2019), as afinidades e as estilizações corporais dos “amigos virtuais” são elementos fundamentais para produção dos perfis, compondo, junto com outros elementos, o *self* virtual, com efeitos na vida fora da tela. Quando as redes dos amigos virtuais e *offline* se superpunham em festas presenciais, acréscimos de desejos podiam se produzir e facilitar as “ficadas”/relacionamentos ocasionais com alguém por quem se estava interessado. *Mutatis mutandis*, na *Thermas* e na sociabilidade da Av. Manoel Borba, o grupo de amigos, conversando, oferece mais referências sobre a pessoa, produzindo e aumentando interesses sexuais.

Nos aproximando das interfaces entre amizade, parentesco e sexualidade, Pizzato (2010) e Sousa (2012) aprofundam os sentidos da “amizade colorida” – que também emerge na pesquisa de Miranda (2018). Elas escutaram mulheres de camadas médias, adultas, com autonomia financeira. Foi recorrente o fato de que, após algumas tentativas frustradas de vivenciar a conjugalidade com simetria,<sup>20</sup> optaram pela solteirice, vivendo a sexualidade na “amizade colorida”.

A “amizade colorida” emergia como uma alternativa mais prazerosa ao que algumas denominaram de “amor bandido”, que seria transar com um desconhecido. Não que as experiências com o “amor bandido” tenham sido todas ruins, mas elas consideravam, como um acréscimo na obtenção satisfação sexual, alguns elementos que estavam presentes tanto na amizade como no amor: a intimidade e a afetividade produzidas por trocas de experiências de ordem não sexual, especialmente nas conversas.

A “amizade de sauna”, assim como a “amizade colorida”, questionam as experiências de sexualidade como exclusivas ao campo amoroso/conjugal. Para alguns frequentadores, as idas para sauna aconteciam no interregno entre relacio-

<sup>20</sup> Infidelidade masculina e a assimetria na divisão do trabalho doméstico, ambos inscritos no sistema de sexo-gênero (RUBIN, 1978).

namentos fixos; outros estavam traindo os/as parceiros/as, indo ali às escondidas; para muitos, um relacionamento conjugal não fazia parte de seus projetos de vida, por motivos parecidos aos expostos pelas interlocutoras de Pizzato (2010) e de Sousa (2012); havia também os casais que, de diversas maneiras, flexibilizavam a monogamia.

Para continuar enveredando pelas formas de sociabilidade erigidas sob o comando do erótico, que abalam o usualmente concebido com amizade e conjugalidade, preciso recuperar os flertes em lugares públicos fora do “Vale”, que muitas vezes resultaram em, apenas, excitação escópica - a sinalização ou reconhecimento de desejo sexual. Cenas como a descritas por Johnny, em que a “azaração”, mesmo que se desdobre em conversa, não resultam em interações de maior proximidade corporal, pois no “depois depois” do momento o “tesão” não parece resistir.

Elas sugerem experiências do âmbito do coquetismo (Simmel, 1993: 97-100), em que a arte do flerte se autonomizaria de sua função de formadora do casal. Um campo dialógico inicial do domínio dos gestos, os quais demonstram interesse e consentimento no olhar, que “deve fazer aquele a quem ele se dirige sentir esse jogo instável entre o sim e o não, uma recusa de se dar (...). Toda decisão definitiva põe fim à arte do coquetismo”. E, por falta de garantia da decisão, “a felicidade prometida já antecipa uma parte da felicidade alcançada”.

Simmel (1983, 1993), como outros autores de sua época, essencializa os atributos de gênero e situa o coquetismo como prática de mulheres; cabendo aos homens aprenderem os seus códigos e deles usufruir. Na minha interpretação, o coquetismo é 'uma solução de compromisso', como diria a psicanálise, invenção feminina para contornar a dupla moral sexual dos finais do século XIX e experimentar o prazer erótico. A “pegação”, enquanto coquetismo gay, também o seria, pois que se ergue na fronteira entre a parte mais permissiva da dupla moral sexual da sociedade ocidental moderna, que libera a sexualidade aos homens, e impede às interações sexuais entre pessoas do mesmo sexo, atendendo a regulação da heteronormatividade.

Assim, se organiza uma eroticidade cujos signos permitem ir além da “azaração” das ruas, de modo a produzir mais intimidade corporal. Se, na sociabilidade do grupos de amigos, a uniformização dos atores se deve à amizade, na “pegação”, cuja “suruba” na sauna é uma de suas formas, o apagamento da diferença se dá porque trata-se de um evento sem compromissos com as regras de conjugalidade, e sob a égide do “tesão”.

A etnografia de Benítez (2007) reforça a minha impressão de que nos cantos mais escuro da *Thermas* havia conversa. Uma linguagem sem palavras que, no friccionar dos corpos, possibilitava o desenvolvimento e regulação das interações sexuais. Mais que isso, conversa: na escuridão e inebriados pelo “tesão” dos corpos, havia uma suspensão de reflexões mais elaborada sobre conteúdo, diminuindo consideravelmente as rejeições.

A “brincadeira” da sauna apresenta um enredo sexual alternativo ao sexológico e ao do pornô gay clássico.<sup>21</sup> Na suruba, havia constante interferência dos próprios sujeitos nas produção da “curva de excitação”, de modo a evitar o “gozo” e prolongar “tesão”. E quando finalmente a “leitada”/esperma estava para chegar, havia o pedido para “gozar dentro”.

<sup>21</sup> A narrativa sexológica apresenta a sexualidade de homens como enredadas numa curva formada por excitação, platô e descarga. Dyer (1985) mostra que essa representação engendra os filmes pornôs *gay*, chaves na aprendizagem sexual (GAGNON, 2006). Nos filmes, a reiteração da verdade sexual da ficção é o “gozar fora”: a “porra”/esperma na superfície da pele.

Talvez por isso, Amâncio quisesse ter sua primeira “gozada” no início da tarde, para produzir, até o final da noite, muitos gozos nos brincantes. Muitos dizem que não “gozam” quando estão na “brincadeira”, apenas o fazem quando chegam em casa, na “punheta”/masturbação e recordação. Certamente, “gozar” produz o estado emocional de “morgação”, antítese do “tesão”: o fim da conversação sexual.

## Considerações finais

Considerando o furdunço do “Vale”, onde uma profusão de estilizações desigualada os atores e a paquera reforça as marcas sociais que engendram desejabilidade, o grupo de amigos é uma importante unidade interacional para a emergência de sociabilidade. A outra unidade é a expressa pela categoria “pegação”, que, em sua acepção de interações sexuais descomprometidas, configura as possibilidades de sociabilidades eróticas.

Nos contextos da “pegação” e da “suruba”, o “tesão” é capaz de gerar e sustentar cenas de sociabilidade. Estas são caracterizadas pelo apagamento da suposta “função social” do sexo e seus roteiros de parcerias, tornando-as interação pela interação. O “tudo pode” da “sacanagem” torna-se o principal motivador da fruição.

No grupo de amigos e na “pegação”, os modos de sociação ocorrem em um movimento pendular: às vezes, as diferenças que marcam os participantes são destacadas, enquanto outras vezes tendem a ser apagadas. Por vezes, dá-se maior importância ao conteúdo das interações, enquanto em outras ocasiões o conteúdo se dissipa, mas a sociação em si se retroalimenta. Impulsionado pelo “tesão” e pela amizade, um dos pontos de retorno desse pêndulo é o interesse de realização sexual conforme informado pela heteronorma, atualizado no casal monogâmico; o outro é a sociabilidade da conversação entre amigos e do coquetismo da “pegação”, em uma interação desinteressada de conteúdo, onde o que prevalece é o desfrute do momento.

*Recebido em 3 de janeiro de 2024.*

*Aprovado em 1 de março de 2024.*

## Referências

- ALBERONI, Francesco. *Enamoramento e amor*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- BERLANT, L.; WARNER, M. Sex in Public. *Critical Inquiry*, 24 (2): 547-566, 1998.

BENÍTEZ, M. E. Dark Room aqui: um ritual de escuridão e silêncio. *Cadernos De Campo*, 16 (16): 93-112, 2007.

BRAZ, Camilo. Entre sobreviventes e bichas dos tempos dourados - memória, homossexualidade e sociabilidade na cidade de Goiânia, Brasil. *Cad Pagu*, 45: 503-525, 2015.

DYER, Richard. Male Gay Porn: Coming to Terms. *Jump Cut: A Review of Contemporary Media*, 30(1): 27-29, 1985.

FACCHINI, Regina, FRANÇA, Isadora. e BRAZ, Camilo. Estudos sobre sexualidade, sociabilidade e mercado: olhares antropológicos contemporâneos. *Cadernos Pagu*, 42: 99-140, 2014.

GAGNON, John. *Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GASPAR NETO, Verlan. A organização da transgressão em espaços de pegação masculina: três breves relatos etnográficos. *Antropolítica*, 31: 147-165, 2011

GIDDENS, Anthony. *A transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP, 1992.

MAGNANI, José Guilherme. Da periferia ao centro: pedaços & trajetos. *Revista de Antropologia*, 35: 191-203, 1992.

MIRANDA, Emilia. *Narrativas de Amizade entre Jovens Mulheres: experimentações em território afetado pelo programa de aceleração do crescimento*. Tese de Doutorado, Psicologia, UFPE, 2018.

PARKER, Richard. *Corpos, Prazeres e Paixões: A Cultura Sexual no Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Best Seller, 1991.

PIZZATO, Fernanda. *Do namoro à amizade: as matizes das parcerias sexuais de mulheres heterossexuais de camadas médias, estabelecidas profissionalmente, residentes no Recife*. Dissertação. Mestrado Antropologia, UFPE, 2010.

QUEIROZ, Tacinara. *Juventude, Sexualidade e Novas Tecnologias de Comunicação: uma etnografia no contexto escolar em Recife-PE*. Tese de Doutorado, Psicologia, UFPE, 2019.

REZENDE, Claudia. Mágoas de amizade: um ensaio em antropologia das emoções. *Mana*, 8(2): 69-89, 2002.

RIOS, Luís Felipe. Parcerias e práticas sexuais de jovens homossexuais no Rio de Janeiro. *Cadernos de Saúde Pública*, 19 (supl. 2): 223-232, 2003.

RIOS, Luís Felipe. *O Feitiço de Exu. Um estudo comparativo sobre parcerias e práticas homossexuais entre homens jovens candomblecistas e/ou integrantes da comunidade entendida do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado, Saúde Coletiva, UERJ, 2004.

RIOS, Luís Felipe. Corpos e prazeres nos circuitos de homosociabilidade masculina do centro do Rio de Janeiro. *Ciência e Saúde Coletiva*, 13: 465-475, 2008.

RIOS, Luís Felipe. *Era uma vez... Memórias de um escutador de histórias interpelado pela pandemia da Covid-19*. Memorial para Professor Titular. Psicologia, UFPE, 2020.

RIOS, Luís Felipe. “A flor do amadurecimento”: Experiências sexuais na infância em narrativas de homens que fazem sexo com homens na Região Metropolitana do Recife-PE. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, 8 (2): 341-370, 2022.

RIOS, Luís Felipe. “Todo mundo vem pra Recife”: Os lugares e as políticas de visibilidade gay na homossociabilidade da Região Metropolitana do Recife. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, 9 (1): 199-229, 2023

RIOS, Luís Felipe; ADRIÃO, Karla Galvão. Sobre descrições, retificações e objetividade científica: reflexões metodológicas a partir de uma pesquisa sobre condutas sexuais e HIV/Aids entre homens com práticas homossexuais. *Saúde e Sociedade*, 31: e210427, 2022.

RIOS, Luís Felipe. Pós-pornografia gay e educação em saúde sexual: Notas sobre a experiência de produção de materiais de prevenção do HIV para gays e outros homens que fazem sexo com homens. *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, 7: e15839, 2024.

RIOS, Luís Felipe.; ARAÚJO, Mateus . “Homens que curtem?”: reflexões etnográficas sobre pesquisas com homens com práticas bissexuais na periferia da cidade. *Revista Periódicus*, no prelo.

Rios, Luís Felipe et al. O novo normal no Vale das Ninfas: a COVID-19 e os circuitos de sociabilidade gay na região metropolitana do Recife/PE, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 27: 2703-2715, 2022.

RIOS, Luís Felipe.; VIEIRA, Luciana. Sobre a “mundiça” e as “bichas cocotes”: Georreferenciação e classe social nos circuitos gay do Recife. *Revista Periódicus*, 1: 217-250, 2022.

RUBIN, Gayle. “The traffic in women: Notes on the political economy of sex.” In: REITER, Rayna. (org.). *Toward an Anthropology of Women*. New York: Monthly Review, 1975. pp. 157-210.

RUBIN, Gayle. “Thinking sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality.” In: NARDI, Peter.; SCHNEIDER, Beth (orgs.). *Social Perspectives in Lesbian and Gay Studies: A Reader*. Londres: Routledge, 1998. pp. 143-178.

SIMMEL, George. “A sociabilidade - exemplo de sociologia pura ou formal.” In: *George Simmel. Coleção Grandes Cientistas Sociais*. Ática, 1983, pp. 165-181.

SIMMEL, George. “Psicologia do Coquetismo”. In: *Filosofia do Amor*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. pp. 93-112.

SOUSA, Patrícia. *Amor, desilusão e sexo: carreiras sexuais de mulheres heterossexuais de camadas médias da cidade de Recife*. Dissertação de Mestrado. Psicologia, UFPE, 2012.

SOLIVA, Thiago Barcelos. Sobre afetos e resistências: Uma análise da trajetória da Turma OK (Rio de Janeiro, Brasil). *Sexualidad, Salud y Sociedad*, 31: 57-80, 2019.

SONTAG, Susan. *Notas sobre Camp*. Dorecero Brasil, 1964.

TURNER, Victor. *Drama, campos e metáforas*. Niterói: EdUFF, 2008.

WEBER, Max. “A ‘objetividade’ do conhecimento nas Ciências Sociais”. In: COHN, Gabriel (org.). *Weber*. São Paulo: Ática, 1997.